



A relação pensamento-língua em Benveniste e a preeminência do linguístico

Valdir do Nascimento Flores¹, Filipe Almeida Gomes² e Sara Luiza Hoff^{3*}

¹Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. ²Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. ³Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Bento Gonçalves, 9500, 91540-000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência: saraluzahoff@gmail.com

RESUMO. O presente texto busca apresentar uma leitura do artigo seminal de Émile Benveniste ‘Categorias de pensamento e categorias de língua’. Para isso, realiza-se uma análise intratextual rigorosa desse texto. Observa-se que, quando de sua publicação, o artigo obteve grande repercussão e também recebeu severas críticas no meio filosófico em função da análise empreendida pelo linguista das categorias aristotélicas. Tendo isso em vista, este artigo busca, em um primeiro momento (cf. Introdução), contextualizar alguns aspectos da recepção do texto e apresentar alguns argumentos filosóficos que ilustram a crítica recebida por Benveniste em função de seu artigo. Em seguida, na primeira seção, opera-se uma leitura detalhada do artigo, explicitando não somente os argumentos apresentados pelo linguista, mas também o modo como eles são expostos ao longo do texto. Finalmente, na segunda seção, busca-se fundamentar uma hipótese segundo a qual Benveniste assume o ponto de vista do linguístico para propor a sua reflexão, enfatizando a função desempenhada pela língua na relação pensamento-língua. Demonstra-se, assim, que não é possível avaliar a reflexão do linguista no âmbito da compreensão da metafísica aristotélica.

Palavras-chave: pensamento; língua; categorias de pensamento; categorias de língua.

The thought-language relationship for Benveniste and the primacy of the linguistic perspective

ABSTRACT. This paper aims to present an interpretation of Émile Benveniste’s seminal article ‘Categories of Thought and Language’. In order to do so, a rigorous intratextual analysis is carried out. At the time of its publication, the article was significantly meaningful and attracted severe criticism in the philosophical milieu due to Benveniste’s analysis of the Aristotelian categories. With that in mind, at first (Introduction) we contextualize some aspects of the text’s reception and present some philosophical arguments that illustrate the criticism Benveniste received due to his article. Then, in the first section, we set forth a detailed reading of the article, explaining not only the arguments the linguist presents, but also the way in which they are presented throughout the text. Finally, in the second section, we support the hypothesis that Benveniste assumes the linguistic point of view to propose his reflection, emphasizing the role language plays in the thought-language relationship. Thus, we demonstrate that it is not possible to evaluate the linguist’s reflection within the scope of Aristotelian metaphysics.

Keywords: thought; language; categories of thought; categories of language.

Received on February 22, 2022.

Accepted on May 6, 2022.

Introdução¹

O artigo de Benveniste ‘Categorias de pensamento e categorias de língua’ (doravante, também ‘Categorias’), desde sua publicação², suscitou vivamente discussões e controvérsias. Muitos são os autores – de diferentes campos do conhecimento – que o retomam para endossá-lo (cf. Flores, 2019; Laplantine, 2011), para lhe opor algum argumento (cf. Auroux, 1998) ou mesmo para refutá-lo na íntegra (cf. Aubenque, 1965; Vuillemin, 1967; Derrida, 1991). Apesar de o título encaminhar, com aparente clareza, o tema que o anima – a relação entre o

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, através de concessão de bolsa de produtividade em pesquisa, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

² Publicado originalmente em 1958 no número 4 da revista *Les études philosophiques* e republicado em 1966 em *Problèmes de linguistique générale, I*.

pensamento e a língua –, pode-se encontrar, no texto, diversos outros assuntos paralelos (e complementares) a essa questão central: as relações entre as línguas e a realidade, as semelhanças e as diferenças entre as línguas, a delimitação da análise linguística em face da análise filosófica e a abordagem dos aspectos culturais inerentes às línguas, por exemplo. Aliás, esse contraste entre o que é central e o que é periférico no artigo talvez seja o pivô das interpretações díspares que o texto recebeu na história recente das teorias da linguagem.

Além disso, é fato, também, que o contexto de publicação de ‘Categorias’ despertou algum interesse: trata-se de texto de um linguista, publicado em uma revista de filosofia (*Les études philosophiques*), cujo número é dedicado aos estudos da linguagem. Isso, em si, não seria motivo de estranhamento se não se surpreendesse, no caso em questão, um linguista tomando por ‘corpus’ de sua reflexão o texto de um filósofo, a saber, ‘As Categorias’, o primeiro do *Organon*, o conjunto de textos lógicos de Aristóteles. Reencontra-se, assim, de maneira relativamente incomum, a antiga história “[...] entre filosofia e ciência da linguagem [...], tão rica de intercâmbios, de encruzilhadas e incidentes” (Agamben, 2015, p. 51).

Nesse sentido, não é de estranhar que, em 2018 – 60 anos após a publicação do texto seminal de Benveniste –, a mesma revista, em número subtintulado ‘*Catégories de langue, catégories de l'être*’ [Categorias de língua, categorias do ser], retorne ao assunto, e que o faça apresentando a seguinte justificativa³:

Conhecemos o antigo debate que incide sobre a relação entre as categorias da língua e as categorias do pensamento: as categorias de pensamento (tal como são identificadas e analisadas por Aristóteles em seu tratado ‘As Categorias’) são apenas categorias da língua grega? Geralmente a origem do debate encontra-se no linguista francês Benveniste, partidário de uma forte leitura linguística das categorias aristotélicas. Por vezes, voltamos a Trendelenburg, autor de um estudo sobre ‘As Categorias’ de Aristóteles, e então falamos da hipótese de Trendelenburg-Benveniste (Lefebvre, 2018, s/p., tradução nossa, grifos do autor)⁴.

Ora, não é de menor importância observar, de um lado, que, na proposição da revista, tal como aparece sintetizada no seu subtítulo, desliza-se do estudo da relação entre as categorias de pensamento e as categorias de língua (este, sim, o estudo originalmente circunscrito por Benveniste) para o estudo das relações entre categorias de línguas e categorias do ‘ser’. É no interior desse deslizamento – comum ao campo da filosofia – que Benveniste agora, em 2018, é situado. De outro lado, o resumo da revista afirma que Benveniste faz uma leitura linguística das categorias aristotélicas e que o faz na esteira do filósofo alemão Friedrich Adolf Trendelenburg. Pensemos sobre isso.

Adolf Trendelenburg publicou, entre os anos 1846 e 1867, sua *Historische Beitrage zur Philosophie*, em três volumes. O primeiro, *Geschichte der Kategorienlehre I: Aristoteles Kategorienlehre*, contém uma história da doutrina das categorias, dedicando-se, em especial, às categorias de Aristóteles. Alguns estudiosos⁵ têm considerado que o texto de Benveniste se apresenta na continuidade de Trendelenburg, na medida em que ambos reconhecem a vinculação entre categorias lógicas e categorias gramaticais; outros, que Benveniste difere consideravelmente de Trendelenburg.

Nessa última direção, Courtine (2005) assume que, para Trendelenburg, embora as categorias resultem de considerações gramaticais, não podem ter seu alcance reduzido à dimensão gramatical, isto é,

[...] as categorias permanecem, de seu ponto de vista [de Trendelenburg], ‘os predicados mais gerais’ [...], mesmo se pudermos, com cautela, observar sua ‘afinidade’ com as ‘relações gramaticais’. O ponto capital é: para Trendelenburg, trata-se de lançar luz sobre a ‘origem gramatical’ das categorias, que permanecem fundamentalmente ‘categorias lógicas’ (Courtine, 2005, p. 30, tradução nossa, grifos do autor)⁶.

Com isso, Courtine conclui:

Diferentemente de Benveniste, se Trendelenburg já enfatiza a correspondência ou afinidade entre ‘categorias de língua’ e ‘categorias de pensamento’, se traça o fio condutor gramatical, nunca insinua que as categorias ‘lógicas’ poderiam ser reduzidas, em última análise, a categorias de língua, das quais seriam uma simples ‘transposição’⁷ (é a palavra de Benveniste) (Courtine, 2005, p. 32, tradução nossa, grifos do autor)⁸.

³ A passagem a seguir encontra-se no site da revista e é apresentada como o resumo do tema ao qual o número da revista é dedicado.

⁴ No original: “On connaît le débat ancien qui porte sur le rapport entre les catégories de langue et les catégories de pensée : les catégories de la pensée (telles qu’elles sont identifiées et analysées par Aristote dans son traité *Les Catégories*) sont-elles seulement les catégories de la langue grecque? L’origine du débat est généralement trouvée chez le linguiste français Benveniste, partisan d’une lecture linguistique forte des catégories aristotéliennes. Il arrive que l’on remonte au-delà, à Trendelenburg, auteur d’une étude sur les *Catégories* d’Aristote, et que l’on parle donc de l’hypothèse Trendelenburg-Benveniste”.

⁵ A esse respeito, já se afirmou, por exemplo, que, “[...] em meados do século 20, a tese de Trendelenburg foi retomada por Émile Benveniste” (Jorion, 2001, p. 2, tradução nossa).

⁶ No original: “Les catégories demeurent à ses yeux ‘les prédicats les plus généraux’, même si l’on peut, prudemment, remarquer leur ‘affinité’ avec les relations grammaticales³³. Le point est tout à fait capital: il s’agit pour Trendelenburg de mettre en lumière l’ ‘origine grammaticale’ de catégories, lesquelles demeurent fondamentalement des ‘catégories logiques’”.

⁷ Na versão brasileira do artigo de Benveniste, assim se apresenta a passagem aludida por Courtine: “Na medida em que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento, revelam-se como a transposição das categorias de língua. E o que se pode ‘dizer’ que delimita e organiza o que se pode pensar. A língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito. Essa tábua dos predicados informa-nos, pois, antes de tudo, sobre a estrutura das classes de uma língua particular” (Benveniste, 1988, p. 76, grifo do autor).

⁸ No original: “Mais à la différence de Benveniste, si Trendelenburg souligne déjà la correspondance ou l’affinité entre ‘catégories de langue’ et ‘catégories de pensée’, s’il tire le fil

Anos antes desse trabalho de Courtine, a relação Trendelenburg-Benveniste é discutida pelos filósofos Pierre Aubenque (1965) e Jules Vuillemin (1967). Ambos, por sua vez, são retomados em artigo de Jacques Derrida, em 1971⁹.

O que causa alguma espécie é a naturalidade com a qual é, normalmente, apresentada a relação Trendelenburg-Benveniste, para, inclusive, argumentar-se, assim como no texto de Courtine, que Benveniste é redutor em sua proposta. Derrida, por exemplo, lembrando Aubenque, vincula Benveniste a Trendelenburg de maneira direta: “Benveniste tem um predecessor imediato” (Derrida, 1991, p. 226). Courtine (2005, p. 29, tradução nossa), após apresentar parte do raciocínio de Trendelenburg, afirma: “[...] encontramos significativamente a mesma observação sob a pena de Benveniste, em seu famoso artigo de 1958”¹⁰. Auroux (1998, p. 151), ao dizer que a tradução feita por Benveniste das ‘Categorias’ coloca “[...] em evidência um ponto sobre o qual o linguista trouxe uma contribuição essencial; trata-se da relação das categorias com a estrutura da língua grega [...]”, conclui, em nota: “[...] é um ponto que A. Trendelenburg (1802-1872) já sugeria em sua *Geschichte der Kategorienlehre*” (Auroux, 1998, p. 180). Em suma, consideradas essas interpretações, ter-se-ia de aceitar que Benveniste formula uma argumentação já antes feita por Trendelenburg, com o agravante de tê-lo feito de maneira inadequada, uma vez que, contrariamente ao filósofo, Benveniste insinua que as categorias de pensamento poderiam ser reduzidas às categorias de língua.

Ora, que elementos atestariam a suposta evidência de que Benveniste retoma, mesmo que parcial e redutoramente, Trendelenburg? A dúvida justifica-se, uma vez que não vemos, em momento algum, Benveniste referir a obra de Trendelenburg, nem mesmo indiretamente. É legítimo, então, que nos interroguemos sobre a coincidência dessa ausência de referência a Trendelenburg na obra de Benveniste e a insistência de tantos em colocar o pensamento do linguista na descendência do pensamento do filósofo.

Queria Benveniste realmente falar sobre o ‘ser’ em Aristóteles, como sintetizam o subtítulo e o resumo da revista *Les études philosophiques*? Ou ainda: queria Benveniste falar sobre as ‘limitações’ que a língua porventura poderia impor à tese das categorias de Aristóteles? Finalmente: queria Benveniste fazer filosofia ou lhe foram impingidas abusivamente ideias que não encontram respaldo em sua teorização?

A esse respeito, cabe lembrar o subtítulo do texto de Derrida – ‘a filosofia face à linguística’. Ele já encaminha os termos pelos quais o filósofo julgará o linguista. Vamos nos deter um pouco sobre esse trabalho, já que ele alcançou bastante notoriedade em seu tempo e a mantém ainda hoje.

Inicialmente, importa dizer que não é nosso objetivo aqui nem retomar toda a discussão feita por Derrida nem avaliar a compreensão que tem de Benveniste. Quanto a isso, limitamo-nos a constatar que, a julgar pela extensão e pelo forte estilo do texto e pela relativa agressividade com a qual Derrida formula seus argumentos, pode-se facilmente inferir que o texto de Benveniste toca em pontos, no mínimo, essenciais à discussão dos filósofos. Talvez por isso se sintam sempre tão convocados a opinar! Nosso propósito ao retomar “[...] a antiga querela Benveniste/Derrida¹¹ [...]” (Cassin, 1997, p. 153, tradução nossa) é mais simples: queremos delimitar apenas o ponto em que Derrida pensa ver fraquejar a argumentação de Benveniste, pois é a partir dele que acreditamos delimitar os termos da recepção dos argumentos de Benveniste na filosofia em geral.

Derrida formula sua crítica em algumas passagens de grande impacto, das quais destacamos apenas duas:

a) “Benveniste analisou em ‘Categorias de pensamento e categorias de língua’ as determinações pelas quais a língua grega ‘limitaria’ o sistema de categorias aristotélicas” (Derrida, 1991, p. 218, grifos nossos). Eis o ponto de partida de Derrida: a reflexão de Benveniste traduz-se como uma tentativa de ‘limitar’ o sistema aristotélico das categorias, ou seja, o linguista ‘limita’ o sistema categorial aristotélico à descrição da língua grega, e esse sistema realizar-se-ia somente no quadro dessa descrição. Isso se explicitaria, conforme Derrida, na seguinte passagem de Benveniste (1988, p. 71): “[...] parece-nos – e tentaremos demonstrá-lo – que essas distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que de fato Aristóteles, raciocinando de maneira absoluta, reconhece simplesmente certas categorias fundamentais da língua na qual pensa [...]”;

b) o “[...] ponto máximo do problema [...]”, para Derrida (1991, p. 234), é que “[...] o que Benveniste chama muito depressa a ‘noção do ser’ não é simplesmente uma categoria homogênea às outras: é a condição transcategorial das categorias [...]” (Derrida, 1991, p. 235, grifo do autor), quer dizer, o ‘ser’ não se encontra na ‘tábua das categorias’ nem em qualquer outro lugar, ele “[...] é a relação absolutamente única entre o

conducteur grammatical, il n’insinue jamais que les catégories ‘logiques’ pourraient se réduire, en dernière analyse, à des catégories de langue, dont elles seraient une simple transposition (c’est le mot de Benveniste)”.
⁹ Trata-se do artigo ‘Le supplément de copula’, publicado no volume 24 da revista *Langage, Épistémologie de la linguistique, Hommage à Émile Benveniste*, organizado por Julia Kristeva. O artigo foi retomado em 1972, no livro *Marges de la philosophie*, de Derrida. Usamos a versão brasileira dessa obra (cf. Derrida, 1991).

¹⁰ No original: “On retrouve significativement la même observation sous la plume de Benveniste, dans son célèbre article de 1958”.
¹¹ No original: “[...] la vieille querelle Benveniste/Derrida”.

transcendental e a língua” (Derrida, 1991, p. 236). No entanto, afirma Derrida, embora isso seja admitido por Benveniste – “[...] além dos termos aristotélicos, acima dessa categorização, se desdobra a noção de ‘ser’ que envolve tudo [...]” (Benveniste, 1988, p. 76, grifo do autor) –, é por ele mal percebido, uma vez que Benveniste ter-se-ia limitado a mostrar que o verbo ‘ser’ não é algo universal, não está presente em todas as línguas. Nesse sentido, explica Derrida (1991, p. 238), aos olhos de Benveniste, “[...] a metafísica grega, com a sua pretensão à verdade, à universalidade etc., depende de um fato linguístico particular, passado despercebido aos olhos dos filósofos”. O exame de uma língua diferente na qual não exista o verbo ‘ser’ confirmaria isso. Ao mostrar que, em *ewe*, por exemplo, distribui-se o que se poderia chamar de ‘a noção grega do ser’ em vários verbos não necessariamente ligados entre si, Benveniste comprovaria que “[...] a língua não orientou evidentemente a definição metafísica de ‘ser’ – cada pensador grego tem a sua –, mas permitiu fazer do ‘ser’ uma noção objetivável, que a reflexão filosófica podia manejar, analisar, situar como qualquer outro conceito” (Benveniste, 1988, p. 77, grifos do autor). Eis o ponto de chegada de Derrida: Benveniste assume uma perspectiva relativista, determinista (cf. Lyssenko, 2012) e mesmo etnocêntrica, com efeitos nefastos na compreensão da metafísica ocidental.

Nota-se que a leitura que fazemos da interpretação derridiana do texto de Benveniste – tomada aqui como uma espécie de representação da crítica geral dirigida ao linguista – destaca dois pontos que situam o artigo no âmbito de uma problemática filosófica de compreensão das categorias aristotélicas. Porém, o que colocamos em questão, ao destacar esses dois pontos, é a pertinência desse tipo de enquadramento. Em outros termos: a argumentação exposta no texto de Benveniste está realmente a serviço da análise do ‘ser’ e das categorias aristotélicas?

A resposta de Derrida, ao que tudo indica, seria ‘sim’. É por isso que afirma que Benveniste procede na abordagem de seu problema de investigação como se desconhecesse a natureza filosófica da questão:

Tudo se passa, portanto, como se este problema geral nada tivesse de especialmente aristotélico, não tivesse essencialmente ligado à história que se indica sob o nome de Aristóteles ou da sua ‘herança’. Tudo se passa como se o mesmo problema tivesse podido ser formulado nos mesmos termos na ausência de qualquer referência ao discurso aristotélico que lhe forneceria apenas um feliz exemplo de encontro, uma ilustração muito cômoda que teríamos a oportunidade de encontrar na nossa biblioteca (Derrida, 1991, p. 223-224, grifo do autor).

Em resumo, a crítica de Derrida é demolidora – de qualquer ângulo que se possa examiná-la. Benveniste teria se equivocado tanto do ponto de vista teórico – ao formular as ideias presentes nos dois pontos destacados anteriormente – quanto do ponto de vista procedimental – ao tomar o texto de Aristóteles como uma espécie de ‘corpus’ de sua análise linguística. Derrida não acha possível que Benveniste possa considerar as categorias aristotélicas como almeja considerar, “[...] sem a preocupação de tecnicidade filosófica, simplesmente como o inventário das propriedades que um pensador grego julgava predicáveis a um objeto, e consequentemente como a lista dos conceitos *a priori* que, segundo ele, organizam a experiência” (Benveniste, 1988, p. 70-71).

Independentemente do fato de Benveniste ter, ou não, compreendido corretamente a filosofia do ‘ser’ em Aristóteles, o fato é que, levando em conta estritamente a demonstração benvenistiana que relaciona as categorias de Aristóteles à língua grega, parece-nos possível afirmar que tal demonstração é ao menos incontestável. Ora, o próprio Derrida (1991, p. 222) admite isso: “[...] entre as diversas apresentações das categorias, a lista mais completa é sem dúvida a citada por Benveniste”. A esse respeito, Paul Ricoeur (2000, p. 397) acrescenta um elemento de maior importância: “[...] a correlação estabelecida por É. Benveniste é indiscutível enquanto se considera apenas o trajeto que vai das categorias de Aristóteles, tais como este as enumera, na direção das categorias de língua. E quanto ao trajeto inverso?” Sobre esse ‘trajeto inverso’, Ricoeur é menos receptivo às ideias benvenistianas. Segundo Ricoeur (2000, p. 397, grifo nosso), “[...] para Benveniste, o quadro completo das categorias de pensamento não é senão ‘a transposição das categorias da língua’”.

Em face do exposto, parece-nos possível dizer que a crítica dos filósofos ao raciocínio de Benveniste, situa-se, em especial, nesse ‘trajeto inverso’, compreendido, então, como algo que ‘limita’ as categorias de pensamento às categorias de língua. Ora, justamente quanto a isso, vale asseverar: Benveniste não diz que as categorias de Aristóteles ‘não são senão’ categorias de língua. Diferentemente do que afirma a crítica feita pelos filósofos, o que Benveniste (1988, p. 76) escreve é que “[...] na medida em que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento, revelam-se como a transposição das categorias de língua”. ‘Transpõem’-se para o pensamento as categorias de língua para que se possa falar das categorias de pensamento; isso não implica necessariamente ‘reduzir’ as categorias de pensamento às categorias de língua.

Tais considerações possibilitam reunir as condições mínimas para o encaminhamento objetivo do propósito que temos neste trabalho¹². Intentamos fundamentar uma leitura do artigo ‘Categorias de pensamento e categorias de língua’ que permita recolocar o raciocínio apresentado por Benveniste no âmbito das questões que o conduzem efetivamente, atitude esta que contrasta com a abordagem dos filósofos, que descontextualizam o trabalho de Benveniste ao circunscrevê-lo apenas ao escopo do tratamento das categorias de pensamento e do ‘ser’ em Aristóteles. Nossa hipótese é que Benveniste, ao assumir uma perspectiva estritamente linguística de abordagem da relação pensamento-língua – o que nomeamos a ‘preeminência do linguístico’ –, privilegia o prisma da língua no tratamento da questão, indo sempre da língua em direção ao pensamento. É, portanto, uma questão de ponto de vista.

Temos ao menos um motivo para propor essa hipótese: no terceiro parágrafo de ‘Categorias’, Benveniste afirma que “[...] apresentar esses dois termos, ‘pensamento’ e ‘língua’, como solidários e mutuamente necessários não nos indica a forma pela qual são solidários, nem a razão por que os julgaríamos indispensáveis um ao outro” (Benveniste, 1988, p. 69, grifos do autor). Em outros termos, a mera afirmação da existência de uma relação de solidariedade e necessidade mútua não nos revela muito. Portanto, é necessário “[...] estabelecer uma relação específica [...]” entre pensamento e língua, “[...] pois é evidente que os termos confrontados não são simétricos” (Benveniste, 1988, p. 69).

Enfim, para proceder ao desenvolvimento das questões aqui formuladas, adotamos, neste artigo, o seguinte encaminhamento: no item 1, fazemos uma apresentação da análise que Benveniste empreende sobre a compreensão geral da relação pensamento-língua, do posicionamento que tem acerca das dificuldades implicadas nessa compreensão e da proposta alternativa que formula; no item 2, como forma de corroborar a hipótese por nós apresentada, procedemos à apresentação dos termos pelos quais Benveniste justifica o ponto de vista que chamamos de ‘preeminência do linguístico’, quer dizer, do ponto de vista linguístico de exame da questão; finalmente, fazemos algumas considerações finais, relativas às perspectivas que se abrem, tendo em vista a discussão aqui ensejada.

Da análise de uma compreensão à proposta de uma alternativa: apontando a preeminência do linguístico

Logo no primeiro parágrafo de ‘Categorias’, Benveniste define o escopo de sua discussão: a relação pensamento-língua. Mais precisamente, para introduzir tal relação, o autor apresenta dois traços distintivos comuns, duas especificidades que identificam o caráter particular dos diversos usos da língua. O primeiro relaciona-se ao fato de que – com a exceção óbvia dos estudiosos da linguagem –, normalmente, não há consciência da realidade da língua, das “[...] operações que efetuamos para falar” (Benveniste, 1988, p. 68). O segundo se refere ao fato de que, independentemente de quais sejam as operações do pensamento, elas recebem expressão na língua. Daí, portanto, a afirmação de que “[...] podemos dizer tudo, e podemos dizê-lo como queremos” (Benveniste, 1988, p. 68).

É exatamente a partir desses dois caracteres comuns aos diversos usos da língua que Benveniste surpreende certa convicção, uma espécie de compreensão geral, sobre a relação entre ‘pensar’ e ‘falar’. Para o autor, na ótica dessa compreensão disseminada, “[...] ela própria inconsciente como tudo o que diz respeito à linguagem [...]” (Benveniste, 1988, p. 68), estamos frente a “[...] duas atividades distintas por essência” (Benveniste, 1988, p. 68). Cada uma tem ‘domínios’ e ‘possibilidades’ que lhes são próprios, embora sejam movimentadas em conjunto – devido à necessidade de comunicação.

É nesse ponto que vemos Benveniste sutilmente ressaltar uma questão, aos nossos olhos, também sutil: essa compreensão generalizada e não consciente supõe que as possibilidades da língua consistem “[...] nos recursos oferecidos ao espírito para o que chamamos a expressão do pensamento” (Benveniste, 1988, p. 68). Ou seja, a compreensão “[...] largamente divulgada [...]” (Benveniste, 1988, p. 68) e não consciente resumiria as possibilidades da língua àquilo que ela pode oferecer à mente para a expressão do pensamento.

Tal compreensão, que inicialmente aponta para um equilíbrio entre língua e pensamento – afinal, ambos têm “[...] o seu domínio e as suas possibilidades independentes [...]” (Benveniste, 1988, p. 68) –, é, na verdade, uma compreensão arvorada em uma ‘ilusão de simetria’. Essa constatação sutil – que, para nós, tem como indício a ausência, em ‘Categorias’, de maior explicação sobre quais seriam as ‘possibilidades’ do pensamento – parece revelar, como veremos adiante, um distanciamento da ideia de que a língua sirva apenas como instrumento, como expressão do pensamento. Isso é abordado por Benveniste no segundo parágrafo do texto.

¹² Entre nós, no Brasil, cabe lembrar que um trabalho nessa direção já foi feito por Silva e Chaves-Tannús (2017).

Esse parágrafo liga-se às considerações feitas no anterior a respeito da língua como expressão do pensamento. Portanto, por mais instigantes que pareçam as formulações nele contidas, não nos parece possível dizer que já nesse parágrafo encontramos o ponto central do texto. Com efeito, Benveniste faz agora um raciocínio, mais uma vez, delicado: inicia dizendo que “[...] seguramente a linguagem, na medida em que é falada, emprega-se para comboiar ‘o que queremos dizer’” (Benveniste, 1988, p. 68, grifo do autor). Isso, por si só, acreditamos, não é a mesma coisa que afirmar que a língua apenas expressa o pensamento. Mas Benveniste vai além, apontando que o pensamento “[...] recebe forma ‘da’ língua e ‘na’ língua [...]” (Benveniste, 1988, p. 69, grifos nossos), o que, segundo cremos, não diz respeito a colocar em relevo a língua como condição para a expressão do pensamento, mas, sim, à língua como condição para a própria realização do pensamento. Não é sem motivo, então, que “[...] para tornar-se transmissível [...]”, segundo Benveniste, o “[...] conteúdo [de pensamento] deve ‘passar’ pela língua e tomar-lhe os quadros” (Benveniste, 1988, p. 69, grifo nosso). Bem entendido: em nossa opinião, ‘passar pela língua’ não é sinônimo de ‘ser expresso pela língua’. Nesse sentido, “[...] a forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento” (Benveniste, 1988, p. 69).

Mais especificamente, diremos que, ao ressaltar o fato de que o nosso conteúdo de pensamento “[...] recebe forma da língua e na língua, que é o molde de toda expressão possível [...]”, e que, além disso, “[...] não captamos o pensamento a não ser já adequado aos quadros da língua [...]” (Benveniste, 1988, p. 69), Benveniste põe em cena dois aspectos. De um lado, ele apresenta o modo como a ‘convicção largamente divulgada’ sobre a relação pensamento-língua lança a língua à posição de vassala do pensamento, atestando, no que se refere à língua, apenas sua condição de transmissibilidade; de outro lado, já anuncia certo distanciamento dessa compreensão ao levar ao entendimento de que considerar que a língua dá forma ao pensamento não é o mesmo que dizer que ela expressa o pensamento.

Nesse ponto do artigo de Benveniste, vale destacar que, ainda que o linguista se empenhe em especificar os termos da compreensão então vigente sobre a relação pensamento-língua, para ele “[...] não existe ainda, aí, senão uma relação de fato” (Benveniste, 1988, p. 69). Em outras palavras, a relação de solidariedade e necessidade mútua¹³ entre esses dois elementos já está admitida¹⁴. É por isso que o autor afirma sua intenção de “[...] ‘estabelecer uma relação específica’, pois é evidente que os termos confrontados não são simétricos” (Benveniste, 1988, p. 69, grifo nosso). Essa relação específica, parece-nos, decorre do ponto de vista linguístico; desse ponto de vista, pode-se dizer mais acerca da relação pensamento-língua.

Assim, Benveniste prossegue o texto – no quarto e quinto parágrafos – constatando que a língua pode ser descrita por si mesma, o que o leva a questionar se o mesmo ocorre com o pensamento, já que “[...] se fosse possível definir o pensamento por meio de traços que lhe pertençam exclusivamente, veríamos ao mesmo tempo como se ajusta ele à língua e de que natureza são as suas relações” (Benveniste, 1988, p. 70). Isso o conduz a recorrer à noção de categorias como possíveis mediadoras da questão. Aqui, Benveniste também constata a diferença entre a natureza das categorias de língua e das categorias de pensamento: as primeiras são atributos do sistema e não são passíveis de modificação pelos locutores, enquanto as segundas podem ser especificadas livremente. Outra diferença reside no fato de que “[...] o pensamento pode pretender apresentar categorias universais, mas [...] as categorias linguísticas são sempre categorias de uma língua particular” (Benveniste, 1988, p. 70). Isso, para Benveniste, poderia levar a uma confirmação, ‘à primeira vista’, de uma “[...] posição superior e independente do pensamento em relação à língua” (Benveniste, 1988, p. 70).

Entretanto, essa solução mais viável e fácil, advinda de um recurso indiscernível às categorias, instaura-se somente “[...] à primeira vista” (Benveniste, 1988, p. 70). Um problema tão importante precisaria de um tratamento mais detido, que, em seguida, Benveniste (1988, p. 70) indica ser possível apenas ao “[...] entrar no concreto de uma situação histórica, escutar as categorias de um pensamento e de uma língua definidos”.

É assim que, entre o sétimo e o décimo nono parágrafos, Benveniste empreende uma investigação acerca das categorias elaboradas por Aristóteles; toma-as como ‘dados’. Eis a tradução literal proposta por Benveniste para o texto de Aristóteles¹⁵:

¹³ Nesse ponto, é importante frisar: não julgamos haver, em Benveniste, uma contestação da solidariedade e da necessidade mútua entre língua e pensamento. A questão é que assumir a solidariedade e a necessidade mútua como sendo a própria relação, conduz, mesmo que implicitamente, (i) à adesão de uma simetria entre língua e pensamento, bem como (ii) à transformação de uma questão demonstrável em um axioma, ou seja, naquilo que é tomado como verdadeiro, embora indemonstrável.

¹⁴ Na verdade, inclinamo-nos a pensar que, frequentemente, a afirmação de solidariedade e necessidade mútua entre língua e pensamento ocorre pelas vias de uma petição de princípio, quando o que se toma como prova é justamente aquilo que ainda precisa ser provado.

¹⁵ A exemplo de Auroux (1998, p. 151), colocamos entre colchetes os nomes tradicionais das categorias.

Cada uma das expressões que não entram numa combinação significa: a ‘substância’ [substância]; ou ‘quanto’ [quantidade]; ou ‘qual’ [qualidade]; ou ‘relativamente a que’ [relação]; ou ‘onde’ [lugar]; ou ‘quando’ [tempo]; ou ‘estar em posição’ [posição]; ou ‘estar em estado’ [posse]; ou ‘fazer’ [ação]; ou ‘sofrer’ [paixão] (Benveniste, 1988, p. 71, grifos do autor).

Tendo apresentado as categorias aristotélicas, Benveniste manifesta, de partida, sua primeira impressão sobre a questão: “[...] parece-nos – e tentaremos demonstrá-lo – que essas distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que de fato Aristóteles, raciocinando de maneira absoluta, reconhece simplesmente certas categorias fundamentais da língua na qual pensa” (Benveniste, 1988, p. 71). Tal percepção é confirmada através da análise detalhada que o linguista faz do sentido e do uso de cada um dos termos correspondentes a cada categoria, o que deixa evidente a função e a posição de cada termo na língua grega: as seis primeiras categorias consistem em formas nominais, enquanto as quatro últimas correspondem a formas verbais. Ao final da análise, Benveniste declara ser possível

[...] transcrever em termos de língua a lista das dez categorias. Cada uma delas é apresentada pela sua designação e seguida do seu equivalente: οὐσία (‘substância’), substantivo; ποσόν, ποῖόν (‘qual; em que número’), adjetivos derivados de pronome, do tipo do lat. qualis e quantus; πρὸς τι (‘relativamente a que’), adjetivo comparativo; ποῦ (‘onde’), ποτέ (‘quando’), advérbios de lugar e de tempo; κείσθαι (‘estar disposto’), médio; εἶεν (‘estar em estado’), perfeito; ποιεῖν (‘fazer’), ativo; πάχειν (‘sofrer’), passivo (Benveniste, 1988, p. 75-76, grifos do autor).

Ou seja, do ponto de vista de Benveniste (1988, p. 76, grifo do autor), ao tentar “[...] arrolar todos os predicados possíveis da proposição [...]”, Aristóteles acabou tomando “[...] inconscientemente por critério a necessidade empírica de uma ‘expressão’ distinta para cada um dos predicados [...]”, o que o leva “[...] a reconhecer, sem o querer, as distinções que a própria língua manifesta entre as principais classes de formas, uma vez que é pelas suas diferenças que essas formas e essas classes têm uma significação linguística”. Desse modo, segundo Benveniste (1988, p. 76), Aristóteles “[...] pensava definir os atributos dos objetos; não apresenta senão seres linguísticos: é a língua que, graças às suas próprias categorias, permite reconhecê-las e especificá-las”.

Se Benveniste tivesse finalizado seu texto nesse ponto, já teria desvelado uma problemática bastante complexa para a discussão em torno das relações entre pensamento e língua. Mas há mais em ‘Categoria de pensamento e categorias de língua’, e precisamos aprofundar nossa leitura sob pena de não conseguirmos explicitar os termos pelos quais defendemos a hipótese de que Benveniste assume o ponto de vista do linguístico em sua reflexão.

No vigésimo parágrafo do texto, Benveniste parece responder a inquietação que o conduziu. Ele afirma: “[...] temos assim uma resposta para a questão apresentada no início e que nos levou a esta análise” (Benveniste, 1988, p. 76). E qual era essa questão? Diz Benveniste: “[...] perguntávamo-nos de que natureza eram as relações entre categorias de pensamento e categorias de língua” (Benveniste, 1988, p. 76). E qual é a resposta fornecida? “Na medida em que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento, revelam-se como a transposição das categorias de língua [...]” (Benveniste, 1988, p. 76), e isso em função do fato de que “[...] a língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito” (Benveniste, 1988, p. 76). Assim, se entendemos bem, a relação específica que Benveniste quer estabelecer está para além de apontar a língua como condição de transmissibilidade do pensamento: antes disso, a língua é condição de configuração do pensamento.

Como já vimos, a resposta de Benveniste é alvo de muitas críticas, e a palavra ‘transposição’ está no centro delas. Ora, há dois pontos a considerar até aqui. Primeiramente, devemos admitir que, nesse vigésimo parágrafo, Benveniste altera um pouco ‘a questão apresentada no início’ de ‘Categorias’. No começo do artigo, temos a sensação de que o autor quer falar sobre a relação entre pensamento e língua e não sobre a ‘natureza’ das relações entre ‘categorias de pensamento’ e ‘categorias de língua’. As categorias, no começo, não eram mais do que a ‘via’ para chegar ao problema em questão. Mas, ao que tudo indica, é sobre a relação entre as ‘categorias de pensamento’ e as ‘categorias de língua’ que Benveniste quer mesmo opinar, o que inclusive dá título ao artigo. Em segundo lugar, devemos prestar bastante atenção na ideia de ‘transposição’, já que ela é, como reiteramos acima, objeto de conturbada discussão no âmbito filosófico: como dissemos, Benveniste não reduz as categorias de Aristóteles à língua; ele diz que essas categorias ‘revelam-se como transposição das categorias de língua’. E como poderiam revelar-se de outra maneira? Não há nem redução de uma coisa à outra nem mera assimilação de uma coisa à outra. Benveniste reconhece que ambas as categorias são diferentes, mas relacionadas.

Se tivesse parado aí, talvez Benveniste não teria provocado tão intensa polêmica. Mas ele vai além e acrescenta ideias que vão ao encontro do que temos chamado de a ‘preeminência do linguístico’ – desenvolvido a seguir, no item 3 –, o que é suficiente para despertar a ira da *intelligentsia* filosófica. Explicamo-nos.

Benveniste, a partir da análise das categorias aristotélicas, faz afirmações do tipo: “[...] é o que se pode ‘dizer’ que delimita e organiza o que se pode pensar [...]” (Benveniste, 1988, p. 76, grifo do autor) ou “[...] o que Aristóteles nos dá como uma tabela das condições gerais e permanentes é apenas a projeção conceptual de um determinado estado linguístico” (Benveniste, 1988, p. 76).

Tais afirmações já bastariam para impingir a Benveniste o rótulo de determinista ou relativista, além de, evidentemente, revelar sua incompreensão da metafísica aristotélica. Mas o linguista, num aparente desenfreado impulso camicase, vai mais longe e, a partir de sua análise – e é importante frisar que é a partir da análise linguística que Benveniste continua seu texto –, pronuncia-se sobre essa metafísica. .

No vigésimo primeiro parágrafo do artigo, Benveniste fala no ‘ser’ como uma extensão de sua análise. Ao reconhecer que a “[...] noção de ‘ser’ envolve tudo” (Benveniste, 1988, p. 76, grifo do autor) – o que foi motivo de um dos poucos elogios dispensados por Derrida a Benveniste –, ao reconhecer que o ‘ser’ é a condição de todo e qualquer predicado, ao reconhecer que todas as modalidades do ‘ser’ dependem da noção de ‘ser’, Benveniste diz que essa noção de ‘ser’ também se deve a uma propriedade linguística: o verbo equivalente a ‘ser’ em grego.

Conclui, então: “[...] a língua não orientou evidentemente a definição metafísica do ‘ser’ – cada pensador grego tem a sua –, mas permitiu fazer do ‘ser’ uma noção objetivável, que a reflexão filosófica podia manejar, analisar, situar como qualquer outro conceito” (Benveniste, 1988, p. 77, grifos do autor).

Estavam reunidas as condições para que Benveniste queimasse na fogueira da inquisição filosófica do século XX. Não havia mais dúvidas: Benveniste instaurava o determinismo linguístico da ontologia e, assim, reduzia a metafísica aristotélica ao linguístico.

Do nosso prisma, algo muito diferente do que – caricatamente, reconhecemos – foi apresentado acima se dá no artigo de Benveniste. Nele, há tão somente a instauração do entendimento de que, ao assumir um ponto de vista linguístico para falar sobre a relação entre pensamento e língua, é apenas do linguístico que se pode falar. Em outras palavras, a instauração desse ponto de vista não permite falar propriamente da relação entre pensamento e língua, mas do lugar da língua na relação pensamento-língua, o que é algo bem específico. Assim, essa problemática, quando observada do ponto de vista da língua – que é estritamente o que faz Benveniste –, coloca a língua em uma posição diferenciada, o que designamos com o rótulo de ‘a preeminência do linguístico’. Trataremos disso, em detalhe, a seguir.

A demonstração de Benveniste: justificando a preeminência do linguístico

Temos defendido que há, nesse artigo de Benveniste, uma preeminência do linguístico na condução da reflexão acerca da relação entre pensamento e língua. Observe-se que não falamos em preeminência da língua e, sim, do linguístico, visto aqui como um ponto de vista sobre a problemática. Com isso, estamos conscientemente desviando de uma abordagem da questão que certamente levaria à discussão em torno da suposta existência de um determinismo ou de um relativismo em Benveniste. Por que fazemos isso? Porque, segundo cremos, na teorização de Benveniste, esboçada em ‘Categorias’, pensar o lugar da língua – talvez fosse melhor dizer ‘das línguas’ – é uma decorrência do ponto de vista linguístico. Quer dizer, Benveniste resolveu propor seu próprio ponto de vista da questão – que é o ponto de vista do linguístico – e, então, justificá-lo com as línguas.

O problema que Benveniste ‘encara sumariamente’ no artigo não diz respeito propriamente à relação entre pensamento e língua, mas ao que se pode atribuir à língua nessa relação. Por esse viés, ele chega às línguas. E ele faz isso entre o vigésimo segundo e o trigésimo parágrafos, onde procede a uma análise da língua *ewe* com vistas a entender como, nessa língua, distribui-se a noção de ‘ser’.

A análise permite a Benveniste afirmar que há cinco verbos em *ewe* que, juntos, corresponderiam aproximativamente à noção de ‘ser’ em grego. Tal análise é acompanhada de afirmações que não podem ser descartadas devido à sua importância.

A primeira: essa demonstração feita por Benveniste dá-se a partir do exterior do *ewe*, e não do interior. Ele mesmo diz que sua análise “[...] faz-se pelo prisma da ‘nossa’ língua e não, como se deveria, nos quadros da própria língua” (Benveniste, 1988, p. 79, grifo do autor). Ou seja, Benveniste ressalta o fato de que está analisando o *ewe* com uma língua que não é o *ewe*, mas a ‘sua’ língua. Afinal, sempre partimos de uma dada língua para analisar outra língua. Não há outra possibilidade. Se não fosse assim, teríamos de supor que, em algum momento, poderíamos não ser desde sempre falantes de uma língua para que pudéssemos experienciar constitutivamente (intimamente, seria melhor dizer) o ser falante de outra língua. Benveniste exemplifica com clareza isso ao dizer que, “[...] no interior da morfologia ou da sintaxe *ewe*, nada aproxima esses cinco

verbos entre eles. É com relação aos nossos próprios usos linguísticos que lhes descobrimos qualquer coisa em comum” (Benveniste, 1988, p. 79).

A segunda, avatar da anterior: trata-se de uma análise ‘egocêntrica’ que tem um efeito sobre a própria língua de partida. Segundo Benveniste, essa análise ‘egocêntrica’ esclarece melhor o próprio grego, na medida em que coloca luzes sobre um fato que é próprio das línguas indo-europeias e não uma situação universal. Isto é, quando analisamos uma língua, fazemo-lo a partir da nossa língua, e isso ilumina a língua da qual partimos.

A terceira e mais impactante: “[...] tudo o que se quer mostrar aqui é que a estrutura linguística do grego predisponha a noção de ‘ser’ a uma vocação filosófica. Ao contrário, a língua *ewe* oferece-nos apenas uma noção estreita dos empregos particularizados” (Benveniste, 1988, p. 79, grifo do autor). E conclui: “[...] não saberíamos dizer que lugar ocupa o ‘ser’ na metafísica *ewe*, mas *a priori* a noção deve articular-se de maneira inteiramente distinta” (Benveniste, 1988, p. 79, grifo do autor). Ou seja, a metafísica aristotélica pode ter se beneficiado, em sua formulação, “[...] da singularidade conjuntural de uma língua entre outras¹⁶” (Cassin, 2016, p. 110, tradução nossa).

O que essas três afirmações, juntas, mostram no contexto da teorização do linguista? Ora, independentemente do que revela de entendimento, ou não, da metafísica aristotélica, Benveniste mostra que é em grego que toda filosofia das categorias de Aristóteles foi montada e que isso, além de não poder ser ignorado, é incontornável. Logo, devemos partir da metafísica aristotélica ‘grega’ para pensá-la em outra língua. Pelo fato de a língua configurar o pensamento, não há como partir de outro ponto. Como esquecer que Aristóteles propôs as categorias de pensamento em grego?

Evidentemente, não se ignora que Derrida tem razão quando diz que “[...] a categoria é uma das maneiras para o ‘ser’ dizer-se ou significar-se” (Derrida, 1991, p. 222, grifo do autor), pois há outras maneiras de o ‘ser’ dizer-se, já que ele é a categoria das categorias. Assim, “[...] chega-se à conclusão que a categoria de categoria é apenas uma formalização sistemática desta pretensão ao exterior da língua, simultaneamente língua e pensamento, porque a língua é interrogada no ponto em que a significação ‘ser’ se produz” (Derrida, 1991, p. 222, grifo do autor). Sim, Derrida estaria totalmente certo, “[...] com exceção talvez, se ousar dizer, que as categorias são tematizadas pelo próprio Aristóteles como fatos de língua, senão do grego (*pollakhôs legomenon*)¹⁷” (Cassin, 1997, p. 153, tradução nossa), o que não deixa de colocar uma questão importante.

A demonstração que Benveniste apresenta com a língua *ewe* adquire, então, grande força argumentativa e chega mesmo a ser irrefutável. Segundo ele, “[...] há vantagem em escolher, para opô-la ao grego, uma língua de tipo totalmente diferente, pois é justamente pela organização interna dessas categorias que os tipos linguísticos diferem mais” (Benveniste, 1988, p. 77). Como diz a filósofa Barbara Cassin:

[... o fato de] que a língua *ewe* dispõe de cinco verbos distintos para corresponder aproximativamente ao verbo ‘ser’ marca que este equívoco que ‘faz filosofia’ depende do grego, pois nós só podemos pensar em reunir esses verbos em *ewe* do ponto de vista do grego¹⁸ (Cassin, 2016, p. 110-111, tradução nossa, grifos da autora).

‘Grosso modo’, podemos dizer que Benveniste, ao comparar o *ewe* com o grego, demonstra que há um ponto de vista linguístico a ser assumido que mostra a função da língua na relação pensamento-língua. Essa função tem a ver com o fato de que não é facultado ao homem que este, em algum momento, possa estar sem língua. Foi em grego que Aristóteles propôs as categorias de pensamento e isso não pode ser ignorado.

Considerações finais

Nos dois últimos parágrafos de ‘Categorias’, Benveniste, de certa maneira, retoma o que poderia ser visto, em um primeiro momento, quase como um senso-comum acerca da relação pensamento-língua. De um lado, diz que a língua, em função de “[...] ser assimilável e consistir-se de um número sempre limitado de elementos [...]” (Benveniste, 1988, p. 79), poderia dar a impressão de que é um intermediário do pensamento; de outro lado, diz que a língua, em função de seu ordenamento de ‘revelar um plano’, poderia dar a impressão de que é apenas um “[...] decalque de uma ‘lógica’ que seria inerente ao espírito e, pois, exterior à língua” (Benveniste, 1988, p. 79, grifo do autor).

Primeiramente, observemos que Benveniste formula as duas ‘conjecturas’ acima do ponto de vista do linguístico. Quer dizer, ou a língua pode ser vista como intermediário do pensamento ou a língua pode ser

¹⁶ No original: “[...] de la singularité conjoncturelle d’une langue entre autres”.

¹⁷ No original: “[...] A cette aggravation près, si j’ose dire, que les catégories sont thématisées par Aristote lui-même comme des faits de langue, sinon de grec (*pollakhôs legomenon*)”.

¹⁸ No original: “[...] que la langue *ewe* dispose de cinq verbes distincts pour correspondre approximativement au verbe ‘être’ marque que cette équivoque qui ‘fait philosophie’ relève du grec, puisque nous ne pouvons songer à rassembler ces verbes *ewe* qu’à partir d’un point de vue grec”.

vista como o ‘decalque’ de uma lógica anterior a ela. Dado que as duas conjecturas são sobre a língua, e não sobre o pensamento, isso ajuda a corroborar o que temos dito a respeito do ponto de vista do linguístico assumido por Benveniste na formulação de seu raciocínio.

Ademais, cabe ver que Benveniste não assume nenhuma dessas posições, as quais, inclusive, ele chama de tautológicas e ingênuas. O linguista conclui com um ponto que convém observar com vagar. Tudo se resume à passagem final do artigo, que reproduzimos abaixo, com a intenção de lê-la em detalhe:

É inegável que, submetido às exigências dos métodos científicos, o pensamento adota em toda parte os mesmos meios em qualquer língua que escolha para descrever a experiência. Nesse sentido, torna-se independente, não da língua, mas das estruturas linguísticas particulares. O pensamento chinês pode muito bem haver inventado categorias tão específicas como o *tao*, o *yin* e o *yan*: nem por isso é menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. O voo do pensamento liga-se muito mais estreitamente às capacidades dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade que à natureza particular da língua. A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua (Benveniste, 1988, p. 80).

Consideremos, inicialmente, a seguinte passagem: ‘o pensamento] torna-se independente, não da língua, mas das estruturas linguísticas particulares’. Aqui, vemos que Benveniste não limita o pensamento – e, portanto, a reflexão filosófica – a alguma língua em particular – o grego, no caso examinado – como tão unanimemente encontramos em tom acusatório nos textos de filosofia (cf. Introdução). Benveniste também não nega a existência do pensamento desde sempre – o que impede que se aceite integralmente a crítica de Derrida. Essa passagem somente afirma que o homem é desde sempre dotado de língua, e não há como se colocar de fora dela para pensar um pensamento independente.

O exemplo que segue esse raciocínio de Benveniste é bastante apropriado e permite a Benveniste operar ‘ao contrário’: o pensamento chinês que criou o *tao*, o *yin* e o *yan*, que os nomeia assim e que os formula na língua chinesa é capaz de assimilar a dialética materialista, formulada em alemão. Não é o ‘tipo de língua’ que impede algo de ser formulado; Benveniste apenas diz que, para ser formulado, fala-se uma língua. Chinês, em um caso; alemão, em outro.

É por isso que o ‘voo do pensamento’ não está ligado à ‘natureza particular da língua’, de uma dada língua. O pensamento, em si, está ligado à ‘faculdade da linguagem’, faculdade simbólica por excelência, definidora do homem na sua condição de ser simbólico; o pensamento liga-se ao fato de o homem pertencer a uma dada sociedade, a uma dada cultura¹⁹, de ser um *animal symbolicum*, para usar o termo do filósofo Cassirer (2012, p. 50). E essa faculdade simbólica diz-se em línguas. Esse é apenas um ponto de vista linguístico.

Referências

- Agamben, G. (2015). *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Aubenque, P. (1965). Aristote et le langage, note annexe sur les catégories d’Aristote. A propos d’un article de M. Benveniste. In *Facultés des Lettres d’Aix (XLIII)* (p. 85-105). Aix-en-Provence.
- Auroux, S. (1998). *Filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Unicamp.
- Benveniste, É. (1966). *Problèmes de linguistique générale, I*. Paris, FR: Éditions Gallimard.
- Benveniste, É. (1988). *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Unicamp.
- Benveniste, É. (1989). *Problemas de linguística geral II* (2a ed.). Campinas, SP: Unicamp.
- Cassin, B. (1997). *Aristote et le logos. Contes de la phénoménologie ordinaire*. Paris, FR: Presses Universitaires France.
- Cassin, B. (2016). *Éloge de la traduction. Compliquer l’universel*. Paris, FR: Fayard.
- Cassirer, E. (2012). *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana* (2a ed.). São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.

¹⁹ Nesse momento final, não podemos deixar de registrar, mesmo que paralelamente ao objetivo deste trabalho, um ponto que tem inspirado nossas pesquisas. Trata-se do fato de que a relação entre categorias de língua e categorias de pensamento em Benveniste sugere um caminho de pesquisa ainda não explorado, que mostra que Benveniste teria formulado algo bastante original acerca do tema, algo que não pode ser diretamente enquadrado em rótulos como ‘relativismo’ ou ‘determinismo’. Isso ocorre por ao menos um motivo: há inúmeras fontes da reflexão de Benveniste que nem sempre são textualmente evidentes. Por exemplo, essa mesma discussão sobre categorias de língua/categorias de pensamento faz-se presente no trabalho do antropólogo Bronislaw Malinowski (1976), no ensaio ‘O problema do significado em línguas primitivas’, publicado na obra ‘O significado de significado’, de Ogden e Richards, em 1923. Esse texto de Malinowski é longamente citado, em 1970, no ensaio benvenistiano ‘O aparelho formal da enunciação’ (Benveniste, 1989). Nessa mesma direção, Laplantine (2011) registra que há uma significativa quantidade de manuscritos de Benveniste acerca da obra de Benjamin Lee Whorf, além de inúmeras referências, em sua obra, ao trabalho de Edward Sapir, o que a leva a afirmar – talvez apressadamente – que ‘“Categorias de pensamento e categorias de língua” retoma e continua as pesquisas de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf’ (Laplantine, 2011, p. 67, tradução nossa, grifo da autora). Para nós, essas informações servem como índice de que Benveniste não se filia a nenhum paradigma de sua época – cremos que não somente em relação ao tema pensamento-língua –, mas, ao contrário, ele sempre esboça um ponto de vista próprio sobre os grandes temas que constituem ‘os problemas de linguística geral’. Esse ponto de vista ainda merece ser mais bem explicitado.

- Courtine, J.-F. (2005). La question des catégories: le débat entre Trendelenburg et Bonitz. In D. Thouard (Ed.), *Aristote au xixe siècle* (p. 63-79). Villeneuve d'Ascq, FR: Presses Universitaires du Septentrion.
- Derrida, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas, SP: Papyrus.
- Flores, V. N. (2019). *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jorion, P. (2001). Claude Imbert, Pour une histoire de la logique. Un héritage platonicien. *L'Homme*, 160, 198-200. DOI: <https://doi.org/10.4000/lhomme.7702>
- Laplantine, C. (2011). *Émile Benveniste, l'inconscient et le poème*. Limoges, FR: Lambert-Lucas.
- Lefebvre, D. (2018). *Études philosophiques 2018, n° 3*. Paris, FR: Presses Universitaires de France.
- Lysenko, V. (2012). Le Déterminisme linguistique de Benveniste et le cas du Vaiśeṣika. In L. Kulikov & M. Rusanov (Eds.), *Indologica. T. Ya. Elizarenkova memorial volume. Book 2* (p. 381-396). Moscow, RU: Izdatelstvo RGGU.
- Malinowski, B. (1976). O problema do significado em linguagens primitivas. In C. K. Ogden & I. A. Richards (Eds.), *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo* (2a ed., p. 295-330). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Ricoeur, P. (2000). *A metáfora viva*. São Paulo, SP: Loyola.
- Silva, F. S., & Chaves-Tannús, M. (2017). A interpretação de Benveniste sobre as Categorias de Aristóteles. *Educação e Filosofia*, 31(62), 1033-1054.
DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n62a2017-p1033a1054>
- Vuillemin, J. (1967). *De la logique à la théologie: cinq études sur Aristote*. Paris, FR: Flammarion.